

CLÁSSICOS E CONTEMPORÂNEOS DA FILOSOFIA POLÍTICA:
de Maquiavel a Antonio Negri



CLÁSSICOS E CONTEMPORÂNEOS DA FILOSOFIA POLÍTICA:

de Maquiavel a Antonio Negri

Guilherme Castelo Branco

Helton Adverse

(Orgs.)



© Relicário Edições

© Autores

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B816c

Branco, Guilherme Castelo.

Clássicos e contemporâneos da filosofia política: de Maquiavel a Antonio Negri / Organizadores: Guilherme Castelo Branco, Helton Adverse . – Belo Horizonte: Relicário, 2015.

180 p. : 15,5 x 22,5 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-66786-14-9

1. Filosofia Política. 2. Maquiavel, Nicolau, 1469-1527. 3. Negri, Antonio, 1933-. I. Adverse, Helton. II. Título.

CDD-320.01

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif (UFMG)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFBA)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Marco Aurélio Werle (USP)

Markus Schäffauer (Universität Hamburg)

Patrícia Lavelle (EHESS/Paris)

Pedro Sussekind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Virgínia Figueiredo (UFMG)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia

REVISÃO Lucas Moraes e Fernanda Cordeiro Lima

RELICÁRIO EDIÇÕES

www.relicarioedicoes.com

contato@relicarioedicoes.com

Apresentação 7

Maquiavel hoje: o conflito e a Lei

Ana Zagari 9

Arendt e o legado político de Cícero e Maquiavel

Beatriz Porcel 29

Althusser leitor de Maquiavel: a prática política em questão

Julien Pallotta 39

Foucault, Maquiavel e a Crítica da Razão Política Moderna

Helton Adverse 67

“Viver perigosamente”: Risco, perigo e liberdade no liberalismo clássico. Um olhar a partir da literatura e da filosofia política

Beatriz Dávila 93

Biopolítica e soberania em Foucault: uma resposta às críticas de Agamben e Esposito

André Duarte 113

Militância e luta pela vida em tempos de biopoder

Guilherme Castelo Branco 127

Rousseau e Sartre: para uma política da liberdade comum

André Barata 137

Democracia absoluta: atualidade e desafios de um conceito clássico

Roberto Nigro 149

Negri e a pergunta pelo comunismo

André Queiroz 165

Autores 177



APRESENTAÇÃO

Os textos que compõem este livro resultam, quase todos, de um evento acadêmico realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em novembro de 2013. O tema discutido era “Clássicos e Contemporâneos na Filosofia Política”. A maioria das comunicações, agora transformadas em capítulos, atendia diretamente ao que era exigido na escolha do tema. Outras são mais “heterodoxas”, preferindo ater-se a problemas atuais da Filosofia Política. Contudo, temos a impressão de que todas são, à sua maneira, sensíveis ao problema da relação entre Clássicos e Contemporâneos pelo seguinte motivo: um autor clássico é aquele que oferece a um autor contemporâneo a ocasião para manifestar sua capacidade reflexiva. É claro que, além disso, o autor considerado clássico deve receber a chancela da tradição, dar prova de resistência frente à passagem do tempo, encravar em nossa cultura um marco, uma referência que se tornará obrigatória em certos domínios de reflexão. Por outro lado – e os textos que estão reunidos neste livro o demonstram –, a primeira função do clássico é servir, ou ainda, dispor, preparar um campo de pensamento que, sem enquadrar a realidade, oferece ao contemporâneo um acesso até ela. Por isso, o clássico é sobretudo um companheiro, como bem havia notado Cícero. Aliás, são os romanos que inventaram essa distinção quando reconheceram nos gregos aqueles com os quais poderiam compreender sua própria realidade. Nas famosas *Tusculanae Disputationes*, Cícero faz um de seus “personagens” dizer que “prefere errar com Platão do que conhecer a verdade com estes” (I, 39). Os “estes” eram os pitagóricos, cuja doutrina acerca da morte deixava muito a desejar, seja no rigor filosófico, seja no que dizia respeito à natureza da alma. Preferir “errar com Platão” é a expressão clara da atitude que estabelecemos com os clássicos: não se trata de desprezar a verdade, mas de exercer o pensamento.

Esta passagem das *Tusculanas* era muito cara a Hannah Arendt, uma das autoras que aparecem nos textos deste livro. Em princípio, Arendt estaria do lado dos contemporâneos, assim como Foucault, Althusser, Sartre, Agamben, Negri, Esposito, todos eles aqui citados e comentados. Do lado dos clássicos estariam o próprio Cícero, Maquiavel e Rousseau. Contudo, temos a impressão de que este livro permite entender que a distinção é fluida, isto é, entre clássicos e contemporâneos não é possível estabelecer uma divisão precisa, como se fossem dois domínios claramente demarcados. Se o clássico é o companheiro de reflexão então está assegurada sua contemporaneidade. Aquilo que o torna clássico (logo, ao abrigo do poder do tempo) é precisamente aquilo que o inscreve no tempo presente e o atualiza. Por outro lado, o contemporâneo, na medida em que também dispõe um horizonte para a reflexão, já é um clássico. A pungência das questões presentes, o “calor da hora” na qual se forja o pensamento desses autores, anuncia a cristalização de um núcleo conceitual que tende a se assentar em nossa cultura filosófica.

Não seria demais lembrar que esse “embaralhamento” de clássicos e contemporâneos deve ser compreendido por referência àquilo que pensam, isto é, pelas questões que articulam. Clássicos e contemporâneos estão imbricados porque dirigem sobre o tempo presente um olhar investigativo, porque exercitam a curiosidade filosófica e dão vazão ao desejo de entender o atual, aquilo que acontece. É exatamente porque atualiza o ímpeto filosófico que um autor pode ser clássico e/ou contemporâneo. Como vemos nos textos que integram este livro, é a necessidade de refletir sobre os problemas políticos atuais que obriga os autores a convocar clássicos e contemporâneos: a biopolítica, a guerra, as formas de dominação, a democracia, a subjetividade política etc. As respostas que ensaiam são elas mesmas um exercício filosófico e, como tal, não pretendem ser verdadeiras ou falsas; antes, reivindicam o inacabamento da reflexão filosófica e não escondem a satisfação de estar em boa companhia.

Os organizadores gostariam de agradecer a todos aqueles que tornaram possível a publicação do livro. Primeiramente, aos colegas que participaram do Congresso Clássicos e Contemporâneos na Filosofia Política e todos aqueles que estiveram envolvidos em sua organização. Agradecemos também à CAPES, à FAPERJ, à PR3/UFRJ e ao Laboratório de Filosofia Contemporânea da UFRJ pelo imprescindível apoio.